



AMÉRICA DO SUL

EUA recusaram oferta de Maduro, diz jornal

The New York Times revela que Donald Trump não aceitou a proposta do presidente da Venezuela para renunciar em prazo de dois anos. Titular da Casa Branca teria autorizado operações secretas da CIA dentro do país sul-americano

» RODRIGO CRAVEIRO

A Casa Branca rejeitou uma oferta do presidente venezuelano, Nicolás Maduro, de renunciar em um prazo de dois anos. A informação, divulgada pelo jornal *The New York Times*, sinaliza uma abertura de negociações entre Washington e Caracas. De acordo com a publicação, Donald Trump autorizou um plano da Agência Central de Inteligência (CIA) para a realização de missões secretas dentro da Venezuela, as quais incluiriam operações de sabotagem, cibernéticas, psicológicas ou de informação.

Nos últimos dias, os Estados Unidos aplicaram uma estratégia de duplo sentido contra o regime de Caracas: intensificaram a pressão militar, com mais bombardeios a lanchas supostamente usadas pelo narcotráfico e o deslocamento de uma força naval para o Mar do Sul do Caribe; ao mesmo tempo, fizeram um aceno em direção ao diálogo. O jornal venezuelano *El Nacional* não descarta que a medida teria a intenção de enfraquecer internamente Maduro e forçá-lo a concessões ou mesmo a abandonar o Palácio de Miraflores. "Podemos ter algumas conversas com

Maduro, e veremos como isso se desenrola", admitiu Trump a jornalistas no último domingo.

Os Estados Unidos chegaram a anunciar a chamada Operação Lança do Sul, em 13 de novembro, que consistiria em mobilizar o Comando do Sul e criar uma força-tarefa para combater o narcotráfico no Caribe. Mais de 12 mil militares americanos, incluindo fuzileiros navais e marinheiros, estão de prontidão na região para um eventual ataque à Venezuela. A Casa Branca também ofereceu uma recompensa de US\$ 50 milhões pela captura de Maduro — Trump considera o venezuelano ilegítimo e o acusa de liderar o Cartel de Los Soles.

Professora de ciência política da Universidade Estadual do Colorado, a venezuelana María Isabel Puerta explicou ao *Correio* que, em oportunidades anteriores, houve relatos sobre supostas conversas direcionadas à saída de Maduro do poder. "No entanto, além da especulação, pois não temos certeza sobre essas negociações, não sabemos se essa informação do *NY Times* é algo mais recente ou se refere-se a abordagens iniciais", observou. "Não temos clareza sobre o contexto em que ocorrem esses encontros."

AFP



Mensagem

Para Guaicaipuro Lameda, general de brigada do Exército da

Venezuela, a mobilização militar dos EUA no Mar do Sul do Caribe, que inclui o USS Gerald R. Ford, maior porta-aviões do mundo,

permite interpretar que trata-se de uma mensagem direta a Maduro. "É um aviso para que ele não conte com o apoio do Irã, da Rússia

e da China, porque as forças mobilizadas impedirão qualquer apoio bélico de fora do continente. Recentemente, Trump disse que Maduro deseja conversar. Penso que o republicano, em sua estratégia de dissuasão ao regime criminoso que governa a Venezuela, quer impor um ultimato", disse ao *Correio*.

Lameda entende que a Casa Branca busca abrir as portas para que Maduro abandone o poder. No entanto, ele duvida que o regime seja amedrontado. "A única saída possível, instruída por Fidel Castro, passa por uma intervenção interna para retirá-lo da Venezuela", observou.

Segundo o *NYT*, estrategistas militares prepararam listas de instalações usadas pelo narcotráfico que poderiam ser alvejadas. O Pentágono também estaria planejando atacar unidades militares próximas a Maduro. Na semana passada, Trump teria comandado duas reuniões, na Sala de Situação da Casa Branca, para repassar as opções para lidar com a Venezuela. A expectativa é de que, antes de uma eventual ação militar contra o país sul-americano, os EUA lancem mão de operações clandestinas da CIA.

Luis Robayo/AFP



A ex-presidente Cristina Fernández de Kirchner: propinas milionárias

Assim que o processo teve início, Cristina Fernández de Kirchner disse: "Não tenho medo. A história, como sempre, colocará as coisas em seu lugar". "Poderão inventar causas, manipular juízes ou redigir sentenças, mas não vão deter a organização do peronismo", acrescentou a ex-presidente argentina. Ontem, a Justiça ordenou a apreensão de bens no valor de US\$ 500 milhões (cerca de R\$ 2,66 bilhões) contra Kirchner e outros condenados em um caso de corrupção.

Desde junho, a líder peronista cumpre pena de seis anos de prisão domiciliar e inelegibilidade política perpétua após ser considerada

culpada de corrupção na adjudicação de obras públicas entre 2003 e 2015 — período em que governou seu marido, o falecido Néstor Kirchner, e depois ela própria.

Após a condenação, na qual foi ordenado o pagamento de cerca de US\$ 500 milhões, um tribunal federal avançou com a apreensão de mais de uma centena de bens, segundo a decisão obtida pela agência France-Presse. A medida busca "restituir ao Estado os bens obtidos ilícitamente — e derivados — como legítimo proprietário e, ao mesmo tempo, reparar a sociedade pelos danos materiais e simbólicos decorrentes da conduta delitiva."

A decisão determina, entre outros pontos, o confisco de uma propriedade de Kirchner em Santa Cruz e acrescenta à lista 19 bens cedidos a seus filhos Máximo e Florencia. Também ordena o confisco de 84 bens do empresário Lázaro Báez, que cumpre pena por envolvimento no direcionamento e superfaturamento de obras públicas viárias em Santa Cruz durante os governos dos Kirchner. O tribunal encarregou a Suprema Corte de definir se algum dos imóveis confiscados será destinado ao uso do próprio Poder Judiciário, antes de avançar com sua eventual venda em leilão.

"Cadernos"

Enquanto isso, a ex-presidente (2007-2015) enfrenta, desde 6 de novembro, um julgamento pela causa "Cadernos", o maior caso de corrupção da história judicial argentina. Ela é acusada de liderar uma associação criminosa e de receber milhões de dólares em mais de 200 subornos de empresários em troca de contratos estatais. A causa tem 87 réus, a maioria ex-funcionários e empresários, e as audiências são feitas por Zoom porque não existe uma sala judicial na Argentina grande o suficiente para acomodar os envolvidos.

UCRÂNIA

Plano de paz inclui a cessão de territórios

A Ucrânia recebeu uma nova proposta de paz dos Estados Unidos que exige a cessão do território controlado pela Rússia e a redução do Exército ucraniano em mais da metade. O esboço do plano, revelado por uma fonte à agência internacional de notícias France-Presse (AFP), prevê "o reconhecimento da Península da Crimeia e de outras regiões que os russos tomaram" e "a redução do exército para 400 mil efetivos". A AFP não pode confirmar a informação de forma independente, e a fonte pediu para manter o anonimato. De acordo com ela, Kiev também será obrigada a renunciar ao seu armamento de longo alcance.

"Um ponto importante é que não entendemos se isso é algo de (Donald) Trump" ou de "seu entorno", disse essa fonte, ao citar o presidente dos Estados Unidos. Também não está claro o que a Rússia faria em troca dessas concessões. A AFP entrou em contato com a Casa Branca, mas não obteve resposta.

Em entrevista ao *Correio*, Ole-xyi Haran, professor de política

Serviço de Emergência Ucraniano/AFP



Bombeiros controlam chamas em prédio atingido, em Ternopil (oeste)

comparada da Universidade de Kiev-Mohyla, disse acreditar que a notícia vazada faça parte de uma campanha de desinformação da Rússia. "Não existe confirmação oficial e não sabemos o que ocorre nos bastidores", afirmou. "O que

sabemos é que Trump gostaria de restaurar as relações de negócios com a Rússia. Se ele decidir empurrar a Ucrânia a aceitar as demandas russas, isso seria totalmente errado para os EUA, para Trump e para a comunidade internacional. O

compromisso aqui envolve um cessar-fogo ao longo do front, mas não podemos reconhecer formalmente as anexações russas."

Ataques letais

Do lado de fora do prédio de nove andares, em Ternopil, na região oeste da Ucrânia, Oksana espera. Os olhos, vermelhos, se fixam nos escombros. "Eles (bombeiros) nada dizem, não podem chegar até ele. Estou aguardando. Espero que Deus dê a ele força e paciência", desabafa a mãe de Bogdan, de 20 anos, preso sob as ruínas do edifício bombardeado pela Rússia.

Os ataques deixaram 25 mortos, incluindo três crianças, e 92 feridos. "Eu liguei para ele e disse: 'Bogdan, vista-se e saia'. Ele me respondeu: 'Mãe, não se preocupe, tudo vai ficar bem'. Mas é tarde demais", declarou a mulher à AFP. De acordo com a Força Aérea da Ucrânia, a Rússia lançou mais de 476 drones e 48 mísseis. Ataques noturnos também deixaram dezenas de feridos na região de Khar-kiv (nordeste). (Rodrigo Craveiro)

Ahikam Seri/AFP



Israel ameaça cessar-fogo e mata 27 em Gaza

Pela terceira vez desde 9 de outubro, quando foi assinado o plano de Donald Trumo para pôr fim à guerra, Israel violou o acordo de cessar-fogo e bombardeou a Faixa de Gaza. "O que está acontecendo aqui é um estado de loucura e de agressão brutal, uma flagrante violação de todos os acordos de cessar-fogo", relatou à reportagem o repórter fotográfico palestino Ahmed Al-Saifi, 24 anos, morador do norte da Cidade de Gaza. De acordo com ele, os recentes ataques mataram 27 pessoas. "Foram 13 mártires em Khan Yunis; 11 em uma ofensiva contra casas de civis, no bairro de Al-Zaytoun; e três em Al-Shuja'iya. As Forças de Defesa de Israel acusaram o movimento islamita palestino Hamas pelas violações do cessar-fogo. Em nota, informaram que o Hamas disparou contra soldados no sul do enclave. "A ação constitui uma violação do acordo de cessar-fogo", afirmou. A primeira violação, por parte dos israelenses, ocorreu em 19 de outubro, quando mais de 30 palestinos foram mortos.

O segundo incidente foi nove dias depois, com 100 mortes. Na foto acima, militares americanos trabalham em um centro de controle para supervisionar o cessar-fogo, em Kiryat Gat, no sul de Israel.